

Paisagem Sonora Percepção e Identificação de Sons no Ensino Fundamental I: proposta musical vivenciada no PIBID música – UFRN

Joalisson Jonathan Oliveira Diniz
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
joalissonmagyaver@hotmail.com

Resumo: Atividades que proporcionam o conforto dos alunos, bem como as que se possam utilizar os próprios recursos existentes no ambiente de ensino do aluno, são formas práticas que podem promover ao professor um auxílio para conduzir sua aula. Este trabalho tem como objetivo relatar uma atividade musical de percepção e identificação de sons que abrangem aspectos relativos à paisagem sonora. Este exercício foi desenvolvido em uma turma do 1º ano do ensino fundamental I, de uma escola que está inserida na rede pública de ensino da cidade de Natal – RN. Esta atividade foi realizada como parte da intervenção proposta pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e também pelas aulas nas disciplinas didático/pedagógicas estudadas no curso de Licenciatura em Música da UFRN. O público alvo dessa atividade foram crianças de 6 a 7 anos de idade que ainda estão em processo de alfabetização e *musicalização*. Utilizando meios acessíveis, com os quais o aluno já está familiarizado, o professor consegue interagir organicamente com seus alunos e ter um melhor resultado, mesmo sem o uso de ferramentas convencionais do ensino musical.

Palavras-chave: Ensino de música; PIBID; Paisagem sonora.

Prelúdio

Desde que ingressei na academia uma das coisas que me deixava mais preocupado era como seriam minhas aulas. Como lidar com os alunos? Como enfrentar o abandono das escolas públicas entre outros problemas inerentes à educação brasileira? Em meio a essas problemáticas surgiu-me o PIBID. O programa pode me proporcionar a vivência em sala de aula mesmo que ainda cursando a licenciatura:

Os projetos devem promover a inserção dos estudantes no contexto das escolas públicas desde o início da sua formação acadêmica para que desenvolvam atividades didático-pedagógicas sob orientação de um docente da licenciatura e de um professor da escola. (CAPES, 2010)¹

Estando a par das dificuldades e contando com o apoio do PIBID – Música, procurei juntamente com o supervisor, desenvolver atividades que pudessem ser executadas sem os meios usuais do ensino de música (bandinha rítmica, notação musical etc.). Então, ao analisar,

¹ Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid>> Acessado em: 15 de junho de 2014.

percebi que as crianças estão em processo de alfabetização e que existem outras disciplinas no currículo de Artes. Logo compreendi que poderia usar alguma atividade que envolvesse desenho e que, no término da aula, os alunos teriam que escrever os seus nomes. Veio-me à tona a atividade referente à Paisagem Sonora (posteriormente será aprofundado o assunto), que poderia me ajudar na aplicação da atividade musical.

Neste contexto, o objetivo deste artigo é relatar a realização de uma atividade no âmbito de Passagem Sonora, direcionada à educação musical no ensino fundamental I, bem como algumas reflexões, análises e possíveis estratégias a cerca da atuação do Licenciando em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Compreendo ser necessário explanar, a seguir, três tópicos que servem como reflexão para a prática pedagógica: a) *Contexto*, estar a par do ambiente escolar; b) *Interação*, realizar análises por parte do professor/aluno; c) *Ação*, capacidade de lidar com os imprevistos em sala de aula.

- **Contexto**

O presente trabalho relata a aplicação de uma atividade musical de percepção e identificação de sons que abrangem aspectos relativos à paisagem sonora. Tal atividade ocorreu na Escola Municipal Mario Lira, situada em Natal-RN, Com alunos 1º ano, entre 6 e 7 anos de idade do ensino fundamental I que estão em processo de alfabetização e musicalização. A atividade musical foi desenvolvida por meio de observações realizadas e vivenciadas no Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID), juntamente com as aulas realizada nas disciplinas didático/pedagógicas estudadas no curso de Licenciatura em Música da UFRN e que, com o tempo, foi sendo transformada até chegar no seu processo final. Para realização dessa atividade foi importante à presença do professor de classe da referida escola.

- **Interação**

Estar ciente da idade das crianças nessa faixa etária de desenvolvimento, bem como seus níveis de comportamento, podem ser conhecimentos que irão auxiliar o educador para uma melhor relação aluno/professor. Buscar atividades e conhecimentos que tragam o prazer ao aluno. Segundo Freire,

[...] o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento de seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma — cantiga de ninar". Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas. (FREIRE, 2007, p. 86)

Não é preciso ser nenhum estudioso do comportamento humano para perceber que nesse período de vida as crianças estão em plena vivacidade, correndo, pulando, gritando, em suma, fazendo o que toda criança gosta, brincando! Com exceção de alguns que infelizmente possam ter sofrido algum trauma, ou apresentam alguma necessidade educacional especial que os impossibilitem de tal. Diante disso, percebo que para o professor ter um resultado considerável deve ser maleável e ter uma boa retórica para poder alcançar êxito com o aluno.

- **Ação**

Se seguirmos a perspectiva de Paulo Freire, citada anteriormente, podemos ter excelência no que propomos fazer, mas, se problematizarmos a nossa ação em sala de aula? Será que conseguiríamos consolidar o que sugerimos para aula? Mas, se a escola não contar com uma estrutura pelo menos básica, será que só isso é suficiente? Ou melhor, com a falta de instrumentos necessários, será que o professor terá sucesso em suas atividades didáticas? Tendo em vista a fragilidade de muitas das escolas públicas em nosso país, fica mais difícil ainda quando se trata de um professor do ensino de música, poucas são as escolas que tem algo em prol da educação musical. Para Freire (2007), ao ensinar estamos aprendendo. Logo, compreendemos que o educador deve usar o que estiver ao seu favor, buscando meios alternativos para promover a educação musical que possa viabilizar experiências teórica e prática significativas aos seus estudantes. Segundo Pessoa, “agir, eis a inteligência verdadeira. Serei o que quiser. Mas tenho que querer o que for. O êxito está em ter êxito, e não em ter condições de êxito. Condições de palácio tem qualquer terra larga, mas onde estará o palácio se não o fizerem ali?” (PESSOA, 2006, p.133).

- **Paisagem Sonora**

A concepção Paisagem Sonora é um termo cunhado pelo músico, compositor, ambientalista, professor e investigador R. Murray Shafer. Este termo tem suas origens da palavra inglesa "soundscape", um neologismo introduzido por ele, que pretendia criar uma

analogia com a palavra landscape (paisagem). Em sua síntese, a paisagem sonora é a mescla de um ou mais sons que se formam, ou decorrem em torno de um específico conjunto das substâncias, circunstâncias ou condições em que existe determinado um objeto ou que ocorre em uma determinada ação. Atribuindo-se tanto no contexto do ambiente natural acústica, composto de sons naturais, incluindo o ato ou efeito de vocalizar dos animais ou a gama diversa de outros elementos naturais tais como, o vento, som da chuva, som do mar...

Também podemos mencionar sons ambientais criados pelo ser humano, por meio das composições musicais, dos processos técnico e criativo de manipulação, criação e organização dos elementos sonoros de um filme, de uma peça de teatro, de um concerto ou de uma gravação de música, e outras atividades humanas comuns, incluindo conversa, trabalho e sons de origem mecânica resultantes da indústria tecnológica. A interrupção desses ambientes acústicos resulta em poluição sonora. O estudo de paisagens sonoras enquadra-se no âmbito da Ecologia Acústica. Como afirma Schafer (2012) o nosso ambiente sonoro, é o atual contínuo aglomerado de sons, aprazíveis e irritantes, fortes e fracos, escutados ou rejeitados, com os quais convivemos. Do zunido das abelhas ao barulho da explosão, esse imenso compêndio, eternamente em processo de transformação, de cantos de pássaros, britadeiras, música de concertos, berros, apitos de trem, buzinas de carros e ruído de chuva tem acompanhado a existência do ser humano.

Aplicação da Atividade

Como parte da proposta do PIBID, toda semana é necessário que o bolsista faça observações na escola determinada pelo Projeto. As aulas aconteciam nas terças-feiras, no horário das 7h às 7h50min. Então, munido de papel branco (tamanho A4) e lápis colorido segui para escola com a intenção de por em prática minha proposta de aula. Chegando à escola, encontrei-me com o professor da sala para comentar como seria minha intervenção. Após os preparativos finais fomos para a sala. De início o professor deu prosseguimento ao tema não concluído na aula anterior. Após a conclusão de sua atividade, o professor informou à turma que eu iria aplicar uma atividade em sala. Logo a euforia dos alunos se instalou, pressuponho, eu, que venha ser pelo fato de outra pessoa estar à frente da aula.

Iniciei a aula emitindo sons de animais típicos da zona rural (vaca, bode, galinha, cavalo entre outros que formam o cenário rural) e após comecei perguntando quais eram os

animais que eu estava a imitar, logo responderam com precisão “vaca, boi, ovelha etc.” Após estarem familiarizados com os sons de cada animal decidi fazer um jogo. Ao proferir esta palavra uma vasta gama de produção sonora ecoou dentro da sala - grito assobios, palmas, sons de arrastar de cadeiras... A alegria se fez na sala, pois raros são os casos de crianças que não gostam de jogos. O jogar segundo Ger Storms, significa:

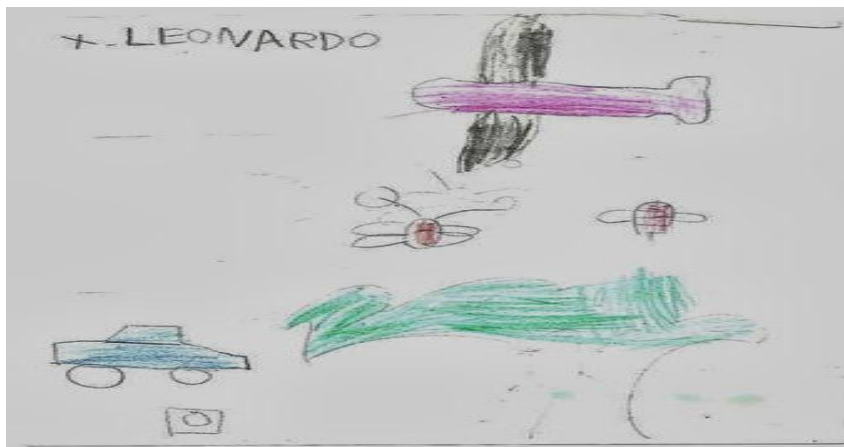
[...] sair da rotina. Para os que se entregam inteiramente ao jogo, a realidade quotidiana deixa de existir, apagando-se na sua consciência no decorrer do jogo. É apenas, após o jogo que o sentido da realidade aparece. [...] é reagir a uma determinada situação, nela se empenhando totalmente. Os jogos possuem o poder de fascinar as pessoas e, como tal, de as incitar a agir até absorver completamente. Nalguns casos extremos, o jogo torna-se uma verdadeira paixão. O jogo, mais do que qualquer outra actividade, motiva em absoluto. [...] é também, ao mesmo tempo, pensar, sentir e agir. Ao longo de nossa, raramente somos levados a pensar, sentir e agir em simultâneo. É justamente esta combinação de faculdades intelectuais, emocionais e motoras que caracteriza o jogo. (STORMS, 2000, p. 15-16.)

Após todos ficarem mais calmos expliquei, detalhadamente, como seriam as regras do jogo. A turma foi dividida em dois grupos, formando duas filas de pares de alunos em que cada aluno deveria emitir um som referente aos sons existente no campo e o outro teria que dizer qual era o animal em questão. Prosseguindo, com a aula fiz sons referentes à zona urbana, buzinas, freadas, pessoas falando, sirenes e ronco de motores. Utilizei do mesmo modelo de desafio feito com a paisagem sonora rural. Só que a quantidade de sons imitados foi superior, uma gama de sons dos mais exóticos, desde o chiado da esponja de aço da mãe de um dos alunos lavando louça ao click de uma câmera digital. Para finalizar esta parte da atividade pedi que, ao invés de fazerem sons específicos de cada paisagem sonora, todos deveriam mesclar os ambientes sonoros.

Na parte final da atividade pedi para que eles ficassem em silêncio, pois a próxima parte da atividade exigiria muita atenção. De início não houvesse êxito, mas aos poucos foram silenciando, e, com o silêncio mínimo possível, pedi que eles ouvissem os sons ao redor, e, em seguida, dissessem quais foram os sons escutados. De “orelhas em pé” ficaram “super atentos” e quase ninguém fazia barulho (vez por outra se ouvia alguns cochichados, mas sempre perguntando se um tinha escutado o som que o outro ouviu). Todos estavam em posição de alerta, na intenção de escutarem os mais diversos tipos de sons de seu ambiente. Para finalizar, peguei algumas folhas de papel e lápis coloridos e distribuí a todos. Depois

pedi que desenhassem os objetos dos quais eles haviam identificados os sons, para depois assinarem seus nomes. A seguir, apresento quatro desenhos feitos pelos alunos (Figuras 1, 2, 3, e 4).

Figura 1 – Paisagem Sonora 1



Fonte: Acervo do Autor.

Nesta primeira figura podemos ver que o aluno pode perceber vários sons, assim como - ruído de avião, ronco do motor de um carro e zunido de insetos. Existe uma árvore desenhada, possivelmente, simbolizando o tocar entre folhas, proporcionado som do vento. Nesta gravura o aluno pode diversificar sua paisagem sonora, não se atendo apenas aos objetos sonoros originário da tecnologia industrial, mas também os sons ligados à natureza, biológicos e não biológicos.

Figura 2- Paisagem Sonora 2



Fonte: Acervo do Autor.

Nesta segunda figura estão desenhadas três pessoas, aparentemente mulheres, e um automóvel. Podemos pressupor que a aluna atentou sua passagem sonora para conversas entre pessoas, pois o Colégio Mario Lira fica ao lado de uma avenida movimentada, onde é localizado um ponto de ônibus.

Figura 3- Paisagem Sonora 3



Fonte: Acervo do Autor.

Nesta terceira figura a criança focou sua atenção no espaço interna da escola. Como vemos temos um ventilador e uma mulher falando ao microfone ligado a uma caixa de som. Tal imagem se constitui pelo fato de que na sala haver ventiladores e por haver uma coordenadora dando avisos no pátio do colégio.

Figura 4- Paisagem Sonora 4



Fonte: Acervo do autor

Nesta quarta e última imagem podemos notar a presença de uma caixa de som (situada no Pátio do Colégio), além de um automóvel, um ventilador, e uma pessoa. Esta, possivelmente, vem a ser a lembrança de alguém que estava a andar na sala de aula.

Considerações Finais

Assim, ao estudar e explorar de maneira minuciosa, com riqueza de detalhes, os resultados finais da aplicação desta atividade observa-se a experiência adquirida em todo o contexto escolar, bem como a solidificação de nosso conhecimento frente ao ensino de música na educação básica. Como aponta Loureiro “é nessa etapa que o indivíduo estabelece e pode ter assegurada sua relação com o conhecimento, operando-o no nível cognitivo, de sensibilidade e de formação da personalidade”. (2008, p.141)

Deste modo, afirma-se que durante a aplicação da atividade em sala de aula com as crianças pode-se trabalhar disciplina, concentração, acuidade sonora, criação, percepção e identificação de timbres variados, além do desenvolvimento cognitivo a partir das aulas de educação musical. Pode-se notar que esta aula foi significativa para ambas as partes, pois “o uso dessas estratégias em sala de aula podem ser fortes aliados no processo de educação musical de crianças em séries iniciais, proporcionando desenvolvimento para o professor, bem como para os alunos, propiciando a construção do conhecimento para ambas as partes”. (MONTEIRO et al, 2014, p.175)

Outro ponto que indica a excelência desta experiência foi o modo como reagir com os alunos em determinada situação, se apropriando de estratégias que possam ser usadas no processo de educação musical em sala de aula, tendo como principal ferramenta a paisagem sonora. Fonterrada (2008, p. 196) afirma que o que Schafer sugere, poderia vir antes dos rudimentos básicos da educação musical e após penetrar o ensino de música, por promover um despertar para o nosso vasto universo sonoro, por meio de ações muito simples, com capacidade de transformar substancialmente a relação ser humano/ambiente sonoro. Desta maneira, a utilização das formas de ensino proposta por Schafer veio de encontro com os pressupostos para a aplicação de minha atividade servindo de alicerce para a execução de tal, pois suas propostas podem ser usadas tanto dentro da sala de aula bem como fora dos muros da escola, podendo ser vivenciada por crianças de todas as idades e gostos:

A educação musical constitui uma contribuição significativa e sistemática ao processo integral do desenvolvimento humano. Uma de suas principais tarefas consiste em estudar para chegar a influenciar positivamente a *conduta do homem em relação ao som e à música*, não apenas ao longo de todo processo vital, mas também diante da enorme diversidade de circunstâncias humanas. (GAINZA, 1982, p.87)

Pode-se utilizar para o ensino específico de música tanto como nas bases vivas do cotidiano do aluno. Utilizar sons como uma forma de brincadeira, conjuntar e “desconjuntar” sonoridades, achar, criar, organizar, unir, desmembrar e reunir são princípios que proporcionam o bem e conduzem à capacidade de entender o mundo por processos sonoros vivos. Marisa Fonterrada (2001) também afirma no prefácio do livro “Ouvido Pensante” que, o que Schafer propõe é particularmente possível para nossa realidade escolar. Não se trata de uma proposta dirigida a alunos superdotados, mas para todos, sem depender de talento, faixa etária, ou classe social. Além disso, Schafer preocupa-se em especial com os elementos mais simples, com as observações que se encontram dentro da normalidade: de quantas formas diferentes é possível fazer soar uma folha de papel? Ou as cadeiras de uma sala de aula? Como sonorizar uma história de modo a identificá-la apenas pelos seus sons? Como construir uma escultura sonora?

Diante disso, infere-se a grande contribuição desta atividade para a formação docente, uma vez que pude por em prática a teoria apreendida em sala de aula, enquanto aluno de licenciatura, utilizando-se de minha autonomia para criar e adaptar atividades, bem como improvisar quando necessário nos momentos das regências. Utilizando meios acessíveis, com os quais o aluno já está familiarizado, o professor consegue interagir de maneira conjunta com os alunos e ter um melhor resultado, mesmo sem o uso de ferramentas convencionais do ensino musical.

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 35. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **De tramas e fios:** um ensaio sobre música e educação 2. ed. São Paulo: Unesp. 2008.

GAINZA, Violeta Hemsy de. **Estudos de psicopedagogia musical.** Trad. Beatriz A. Cannabrava. 3. ed. São Paulo: Summus, 1988.

LOUREIRO, Alcília Maria Almeida. **O ensino de música na escola fundamental.** 4. ed. São Paulo: Papyrus, 2008. p. 141.

MONTEIRO, Calígia Sousa; DINIZ, Joalisson Jonathan Oliveira; PAIVA, Luciano Luan Gomes. **Autonomia docente:** utilizando diversas estratégias para alcançar os alunos na aula de música. In. III Encontro Internacional sobre Educação Artística. *Anais...* Juazeiro do Norte/CE, 2014.

PESSOA, Fernando. **Livro do desassossego.** São Paulo: Companhia de Bolso, 2006.

SCHAFER, Murray. **A afinação do mundo.** Trad. Marisa Trench de O. Fonterrada. 2. ed. São Paulo: Unesp. 2012

_____. **O ouvido pensante.** Trad. Marisa Trench de O. Fonterrada. 2.ed. São Paulo: Unesp. 2011.

STORMS, Ger Storms. **100 jogos musicais:** atividades práticas na escola. Traduzido por Mário José Ferreira Pinto. 4. ed. Lisboa: Asa, 2000.